

Penna: pagamento só com exportação

Da sucursal de
PORTO ALEGRE

"Dentro de dias, ou semanas, ou meses, virão boas notícias nesta área", afirmou ontem, em Porto Alegre, o ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, ao comentar a possibilidade de renegociação ampla da dívida externa brasileira. Acrescentou que a assinatura do novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) é o "passaporte vermelho" para que se iniciem as conversações neste sentido e que o pagamento do que falta com mercadorias exportáveis é a "única solução", porque o País não tem como liquidar todas as parcelas em dólares. Em sua opinião, assim como o acordo com o FMI é o condicionante que falta a nível externo, internamente o Brasil precisa "arrumar a casa" e, sob este aspecto, o combate à inflação deve ser prioritário. Para isso, a aprovação do Decreto nº 2.045 (que reduz a 80% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor os reajustes salariais) pelo Congresso, é, em seu entender, um dos pontos mais importantes.

Penna não quis detalhar como poderá ser a renegociação da dívida, alegando que o próprio termo, por si mesmo, exclui quaisquer posições pré-definidas. "O Brasil vai sentar à mesa com seus credores e discutir o assunto. Não se pode falar em negociação se pré-determinarmos como ela será feita. Isso é uma coisa bilateral, não depende só do Brasil", argu-

mentou. "Tem-se de conciliar os interesses. O que é certo é que nós vamos remover as dificuldades e os maiores constrangimentos que a dívida externa está causando ao País. Uma das principais dificuldades brasileiras, hoje, é que nós temos de exportar cada vez mais e conter as importações."

Para o ministro, essa situação resulta de um "modelo importador" que o Brasil vinha seguindo até poucos anos atrás. "Por muitos anos o Brasil vinha trabalhando com déficits na balança comercial, para captar os recursos necessários ao seu desenvolvimento. Daí, chegarmos a essa dívida de quase US\$ 90 bilhões. Agora, precisamos de superávits para pagar a dívida e isso nos deixa com menos recursos internos", observou. Essa "póbreza", segundo Penna, é "transitória", porque há "o outro lado, que é o lado moral".

DETERIORAÇÃO

"Durante todo este tempo, houve uma deterioração dos preços recebidos pelas exportações brasileiras, enquanto os produtos importados continuaram sempre com preços cada vez mais altos." O ministro reafirmou que, se não fosse isso e mais as altas nas taxas de juro, o Brasil, exportando e importando a preços constantes, estaria hoje com uma dívida de apenas cerca de US\$ 40 bilhões. "O Brasil perdeu muito", enfatizou.

Esse é um dos componentes "morais" da dívida que levarão os

credores a aceitar renegociá-la; o outro é que, apesar de tudo isso, esses mesmos credores reduziram o volume de compras de produtos brasileiros, esclareceu. "O País está com a moral alta, porque todos reconhecem que podemos pagar a dívida. Agora, isso terá de ser feito via balança comercial. Até aqui, os credores vinham querendo cobrar, mas não queriam comprar. O terceiro aspecto, além do mais, é que o Brasil é o parceiro mais promissor do mundo livre. Tudo tem de ser levado em conta", argumentou Camilo Penna.

De acordo com o ministro, antes de partir para a renegociação, no entanto, o País precisa "arrumar" sua economia interna, a começar pela inflação, que ele admite estar muito alta. Em sua opinião, os adversários do Decreto-Lei nº 2.045 estão distorcendo as interpretações de seus efeitos, "por incompetência, má fé ou objetivos excusos".

Camilo Penna esteve em Porto Alegre para presidir a abertura do III Seminário Nacional de Propriedade Industrial, promovido pela Associação Brasileira da Propriedade Industrial (BPI). Ele negou que haja qualquer estudo para uma nova maxidesvalorização do cruzeiro, fez uma rápida alusão à necessidade de "mais abertura nas importações" para a área de informática e voltou a insistir na tese de que as empresas devem produzir mais para baixar custos e criar novas demandas, reaquecendo a economia de uma maneira geral.